

## Hunsrückisch: variante do alemão falada e escrita no Brasil

Gerson Roberto Neumann<sup>1</sup>  
Sofia Froehlich Kohl<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto a seguir se propõe a apresentar o Hunsrückisch como uma língua relevante tanto na tradição oral quanto na tradição escrita de comunidades formadas a partir da imigração de fala alemão para o Brasil no século XIX. Na primeira parte do artigo, se discorre sobre a escrita da língua minoritária, sobre seu papel frente a línguas majoritárias e suas repercussões dentro do contexto da herança linguística brasileira. Para materializar a importância de uma língua minoritária como o Hunsrückisch também para a literatura do Brasil, são apresentados na segunda parte do artigo alguns dos autores que contribuíram e contribuem na manutenção dessa língua através de suas obras publicadas em livros, jornais, calendários e almanaques. Para fechar a análise da presença do Hunsrückisch como língua escrita no cenário linguístico brasileiro, se propõe uma breve incursão pelas publicações literárias em Hunsrückisch publicadas em plataformas digitais, que ampliam tanto o acesso de leitores aos textos, quanto o de autores ao público.

**Palavras-chave:** Hunsrückisch; oralidade e escrituralidade; literatura; língua de imigração.

**Abstract:** The following article aims to present Hunsrückisch as a pertinent language in both the oral and written traditions of communities formed as a result of German-speaking immigration to Brazil in the 19th century. In the first part, it discusses the writing of a minority language, its role in relation to majority languages and the repercussions it has on Brazil's linguistic heritage. In order to materialize the importance of a minority language like Hunsrückisch also in literary contexts, the second part of the article presents a few of the authors who contributed to the maintenance of this language through their literary works published in books, newspapers, calendars and almanacs. To close the analysis of the presence of Hunsrückisch as a written language in the Brazilian linguistic scenario, a brief look at literary publications in Hunsrückisch on digital platforms is proposed, which increases both readers' access to texts and authors' access to the public.

**Keywords:** Hunsrückisch; orality and scripturality; literature; immigration language.

### Introdução

No Brasil, falam-se muitas línguas como primeira língua! São muitas as variantes dialetais de línguas de imigração no Brasil – como do alemão, do italiano, do polonês, do árabe, entre outras –, sobretudo em razão do intenso movimento imigratório ocorrido

---

<sup>1</sup>Professor Associado de Língua e Literatura Alemã no Setor de Alemão da UFRGS. Membro do IHSL – Instituto Histórico de São Leopoldo – RS; Pesquisador Fundador do CDEA – Centro de Estudos Europeus e Alemães; Bolsista de Produtividade do CNPq.

O texto aqui apresentado é resultado de um levantamento sobre o tema e uma apresentação no XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização: Imigrações e Relações Interétnicas, realizado em 2008, na cidade de São Leopoldo – RS e revisto para a publicação do livro *Hunsrückisch em prosa & verso: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017*. Ele serve de base para a apresentação da tradição da escrita do Hunsrückisch.

<sup>2</sup> Mestre em Literatura e Cultura Alemã pelo programa quadrinacional *Erasmus Mundus Joint Master Transnational German Studies*.

no século XIX, quando o país declarou sua independência e precisou povoar suas enormes extensões de terra<sup>3</sup>. A pluralidade linguística do Brasil não se restringe, contudo, às variantes de línguas de imigração e ao português. Devemos também lembrar das muitas línguas autóctones<sup>4</sup> ainda faladas no Brasil e lamentar as muitas já perdidas. Para além do português, das línguas de imigração e das línguas indígenas, temos ainda a presença de línguas de origem africana<sup>5</sup> – fruto do tráfico de escravos, que mantiveram vivas, dentro do possível, as suas tradições no Brasil. Portanto, no Brasil não se fala somente português!

Partindo desse resumido panorama da diversidade linguística do nosso país, nos concentraremos nesse texto no recorte das línguas de imigração, mais especificamente nas de origem germânica, pela ocasião dos 200 anos da imigração de falantes de língua alemã para o Brasil, a serem completados em 25 de julho de 2024. Esse ano, que no Rio Grande do Sul seria sobretudo marcado pelas celebrações do bicentenário, infelizmente entrará para os anais da história como o ano de uma das maiores tragédias do estado. Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul, local onde os primeiros imigrantes de língua alemã se instalaram no Brasil, sofreu com as maiores enchentes já registradas na região, que causaram uma devastação sem precedentes e cujas consequências terão de ser enfrentadas por muito tempo ainda. Dentre as irreparáveis perdas, estão também os danos causados ao patrimônio cultural e histórico<sup>6</sup>, que, pela triste coincidência de datas, talvez cause ainda mais consternação.

A concomitância dessas duas ocasiões, uma de júbilo e a outra de adversidade, pode ser uma deixa única para se discutir a relevância da produção cultural (no nosso caso, especificamente da literatura) resultante dos processos de imigração, dos contatos com as culturas já antes existentes no Brasil antes da chegada dos imigrantes de fala alemã e, finalmente, da transformação das culturas de imigração como parte indiscutivelmente integrante da cultura brasileira. Com essas ideias em vista, pretendemos

---

<sup>3</sup> V. Roche, 1959, p. 73 ss.

<sup>4</sup> O Censo 2010 do IBGE apontou para a existência de 274 línguas indígenas em uso no Brasil, com a ressalva de que algumas dessas línguas podem se tratar, na realidade, de variantes (o que só poderia ser confirmado através de estudos linguísticos e antropológicos mais detalhados). V. IBGE, 2024.

<sup>5</sup> De maio de 2024 a janeiro de 2025, o Museu da Língua Portuguesa apresenta a exposição *Línguas africanas que fazem o Brasil*, que pretende mostrar a influência das línguas negro-africanas no português falado no Brasil. Mais informações estão disponíveis na página da instituição: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/memoria/exposicoes-temporarias/linguas-africanas-que-fazem-o-brasil/>.

<sup>6</sup> Dentre as instituições afetadas pelos alagamentos se encontra o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, que guarda o maior acervo da imigração alemã no estado. V. Staudt 2024, na página do jornal GZH <https://shorturl.at/HqNdb>.

apresentar a seguir elementos históricos e da tradição escrita de uma dessas línguas de imigração de origem germânica, o Hunsrückisch, assim como referências de escritoras e escritores que escolheram produzir em publicar nessa língua.

### 1 O Hunsrückisch falado e escrito

Devido à presença de imigrantes provenientes de regiões de língua alemã da Europa, tem-se registros de diferentes variantes dialetais do alemão no Brasil praticadas ainda hoje. Existem três que predominam: o Hunsrückisch (hunsriqueano), o Westfälisch (vestfaliano) e o Pommerisch (pomerano). Dentre estas variantes, o Hunsrückisch registra o maior número de falantes, sobretudo concentrados na região Sul do Brasil. Por Hunsrückisch entende-se, citando Cléo V. Altenhofen, professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

uma variedade supra-regional do alemão falado no sul do Brasil que tem por base um contínuo dialetal formado essencialmente pelo francônio-renano e pelo francônio-moselano, originários de áreas situadas na Renânia Central, e que recebem, no novo meio, uma forte influência do português e de outras variedades em contato.<sup>7</sup>

Trata-se de uma variante dialetal ainda fortemente presente no Brasil, apesar de a imigração alemã para o país ter iniciado há dois séculos (a partir de 1824).<sup>8</sup> A produção oral – e seus aspectos linguísticos em si – do grupo falante de Hunsrückisch no Brasil (originário da região que compreende o Oeste da atual Alemanha) tem sido a ênfase nas pesquisas relativas à migração e à produção oral em contexto migratório. Pelo fato do uso cotidiano dessa língua ainda se manter presente em comunidades de falantes dessa variante, julga-se fundamental ouvi-la e estudá-la de forma mais sistemática, o que incluiria também uma análise mais detida da produção literária nessa língua.

71

<sup>7</sup> V. Altenhofen 1996, p. 21. Apesar da coincidência na nomenclatura, é preciso distinguir a língua de imigração Hunsrückisch falada no Brasil (como definida por Altenhofen 1996) do dialeto falado na região do Hunsrück (também denominado, entre outras formas, de *Hunsrückisch*), que – apesar das intersecções – não são a mesma língua.

<sup>8</sup> Toma-se por base o ano de 1824 por ser o que marca a vinda dos primeiros imigrantes com apoio do governo imperial brasileiro. Sabe-se que ocorreram outros movimentos migratórios de regiões de língua alemã anteriormente para o Brasil, mas não se trata aí de um movimento sistemático.

Ainda hoje a língua materna de muitos brasileiros é a variante dialetal Hunsrückisch<sup>9</sup>. O que significa ter como língua materna no Brasil uma língua que é uma variante do alemão?

*Ich spreche Hunsrückisch!*

*Unn schreibe? Schreibt ihr och etwas uff Hunsrückisch?<sup>10</sup>*

Uma importante instância de expressão de uma língua (materna) é a escrita. No caso do Hunsrückisch, porém, apesar de um número considerável de falantes no Brasil, a produção escrita (sobretudo a literária) é pouco comum. Há, contudo, alguns casos. Pretende-se apresentar aqui alguns exemplos de textos escritos em Hunsrückisch produzidos no Brasil e também na Alemanha, considerando certamente existirem muitos outros – talvez esquecidos, ou apenas guardados nas gavetas – ainda não publicados. O nosso objetivo com o presente artigo é dar voz a uma produção em Hunsrückisch que necessita de espaço e mencionar nomes de pessoas que produzem/produziram literatura nessa língua.

Entra em questão aqui uma velha e relevante preocupação, a de se estar perdendo um conhecimento e uma habilidade linguística de difícil aprendizagem, que tem na escrita um recurso utilíssimo para dar vazão aos sentimentos em torno da língua materna. A literatura dialetal pode também ser, sob essa perspectiva, aliada no ensino do alemão padrão, à medida que pode servir como base para se esclarecer diferenças linguísticas em relação ao dialeto, sejam elas de ordem gramatical, vocabular ou outra. Neste sentido, também os preconceitos linguísticos, por exemplo, de que o “Hunsrückisch não é língua, que é língua de menor valor, ou língua quebrada (*vebrochnes Deitsch*)<sup>11</sup>”, devido à incompreensão do que realmente caracteriza e define uma língua, podem ser desmistificados com o auxílio do recurso da escrita. É importante destacarmos que não temos em vista, necessariamente, o ensino do Hunsrückisch em escolas. Quer-se sim, valorizar os pré-conhecimentos da variante e a aplicação destes na prática oral e na produção escrita (sobretudo ficcional).

Quando se discute literatura em língua minoritária, para além de aspectos imediatamente literários, esbarra-se invariavelmente nas discussões a respeito do estabelecimento de uma norma ortográfica<sup>12</sup>. O tema, contudo, é bastante complexo, uma

<sup>9</sup> V. Ammon 2015, p. 372.

<sup>10</sup> Trad.: *Eu falo Hunsrückisch! / E escrever? Vocês também escrevem em Hunsrückisch?*

<sup>11</sup> Sobre a atribuição de prestígio de línguas de imigração no contexto brasileiro v. Lipski 2022, p. 209.

<sup>12</sup> Algumas das mais relevantes são o *ESCRITHU* (Altenhofen et al., 2007), o *Hunsrik-Plat Tayxt* (Wiesemann 2008) e a proposta de Boll (publicada no blog do autor, *Riograndenser Hunsrückisch*, s.d.).

vez que para se chegar à proposta mais elaborada de uma escrita em Hunsrückisch, vários fatores têm de ser considerados. Alguns dos pontos a serem levados em consideração seriam: a variação interna do próprio Hunsrückisch (por exemplo, qual variante deve-se adotar?), o público-alvo do sistema de escrita (falantes com conhecimentos de alemão padrão ou não, por exemplo), a natureza e a finalidade da escrita enquanto convenção social (para que se quer tal escrita e para que serve uma escrita?), a vinculação histórica do dialeto (de onde provém o dialeto que falamos?) e o sistema de referência para a sua ortografia (de qual sistema de escrita partir, se do alemão ou do português?)<sup>13</sup>. As questões levantadas para a discussão (literatura dialetal, uso da literatura dialetal, estabelecimento de uma ortografia para línguas minoritárias) são certamente relevantes, especialmente quando considerada importância do Hunsrückisch (também numérica<sup>14</sup>, em relação a outras línguas de imigração no Brasil) no cenário plurilíngue brasileiro.

Saindo do contexto de língua alemã, recorremos a uma citação de Luiz Carlos Borges para refletir sobre a recepção de uma literatura oral que passa a ser escrita e, assim, preservada e acessível em outros formatos. Num interessante texto em que estuda a oralidade discursiva do mito dos Guarani Mbyá, Borges comenta: “o narrador tem por função (re)textualizar o texto da tradição, de forma que ele não é somente autor mas o autor de uma nova versão e, ao mesmo tempo, seu comentador.”<sup>15</sup> A observação de Borges certamente se aplica também aos escritores do Hunsrückisch, que, além de narrar uma história, também a comentam consciente (de fato através de comentários, por exemplo) ou inconscientemente (como através da escolha das palavras), oferecendo informações sobre seu contexto e sobre a cultura hunsriqueana para além das informações concretas narradas. Essa “intervenção” dos autores em suas narrativas confere especial importância à análise da tradição. Na tradição, estão contidos os resultados das reflexões dos escritores sobre, entre outros pontos, a problemática de se reproduzir a expressão

---

<sup>13</sup> Sobre esse assunto, Lindenfelser 2024 (p. 29) apresenta uma tabela com a sistematização do que ele considera vantagens e desvantagens de propostas de ortografia para o Hunsrückisch baseadas respectivamente no alemão padrão e no português. A proporcionalidade dos critérios de Lindenfelser é, contudo, questionável em alguns pontos, já que o autor equipara, por exemplo, a facilidade de leitura de falantes de português como L1 da população brasileira geral (não falantes de Hunsrückisch) com a facilidade de leitura de germanistas – parece intuitivo pensar que a probabilidade de pesquisadores germanistas entrarem em contato com o Hunsrückisch é consideravelmente maior do que da população geral brasileira que viva fora das áreas em que o Hunsrückisch é falado e que não tenha contato com pesquisas linguísticas.

<sup>14</sup> Ammon 2015, p. 373.

<sup>15</sup> Borges, Luiz Carlos. Os Guarani Mbyá e a oralidade discursiva do mito. In: FERNANDES, Frederico A. G. (Org.) *Oralidade e Literatura. Manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Edel, 2003, p.12.

oral (palavras faladas) de um grupo na palavra escrita e também sobre a adequação de sua própria forma de escrever a possíveis formas escritas já existentes (privilegiadas por outros autores que publicaram seus textos em algum momento anterior).

## 2 A produção escrita em Hunsrückisch: livros, revistas, jornais e outras mídias impressas

Ter à disposição um panorama – ainda que não exaustivo – de autores e publicações permite um entendimento mais completo dos usos de uma língua. A seguir apresentamos uma listagem contendo alguns autores e textos em Hunsrückisch localizados até o presente momento, que servem para a montagem do *corpus* da tradição.

Rottmann, Peter Joseph. **Gedichte in Hunsrücker Mundart**. 3. vermehrte Aufl. Simmern: Joh. Maurer, 1863.

Peter Joseph Rottmann (1799 - 1881)<sup>16</sup>, da localidade de Simmern, no Hunsrück, passou toda a sua vida no coração do Hunsrück e lá registrou em produção literária o que ouvia as pessoas dizerem nas suas conversas cotidianas. Os textos de Rottmann foram publicados na variante dialetal Hunsrückisch como falada na atual Alemanha (antes da língua emigrar no século XIX para o Sul do Brasil e outras regiões e entrar em contato com diversas outras variantes linguísticas, formando o que se conhece hoje como o Hunsrückisch do Brasil).

A primeira edição do seu livro *Gedichte in Hunsrücker Mundart*, ou *Rottmannbuch*, como muitos o conheciam, é de 1840, período da emigração alemã para o Brasil. A importância da variante dialetal de Peter J. Rottmann está menos nas semelhanças com o dialeto falado no contexto brasileiro e mais no fato de ser a matriz alemã do falado no Brasil, que por sua vez teve que recorrer à língua portuguesa em muitas situações – por exemplo, pela necessidade de nomear objetos novos para os imigrantes – e assim fez surgir uma nova variante linguística. Comparando-se a forma escrita de Rottmann com as dos autores que se apresentará a seguir, pode-se ver que há grandes diferenças. A presença de Rottmann como primeira referência no estudo da tradição no Hunsrückisch é, contudo, imprescindível devido à sua importância.

---

<sup>16</sup> Mais informações sobre a biografia do poeta Peter Joseph Rottmann, ver Neumann, Gerson Roberto. *Brasilien ist nicht weit von hier! Die Thematik der deutschen Auswanderung nach Brasilien in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert (1800-1871)*. Vol. 1909, Frankfurt a. Main: Peter Lang, 2005 (Europäische Hochschulschriften).

Rambo, Balduino, SJ. **O rebento do carvalho. Contos dialetais.** Ed. Bilingue, tradução e contextualização de Arthur B. Rambo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

Balduino Rambo é reconhecido como um dos primeiros “intelectuais-colonos” a produzir contos em Hunsrückisch. Rambo nasceu em uma das comunidades de imigração alemã no Rio Grande do Sul, Tupandi, onde se falava o Hunsrückisch, no dia 11 de agosto de 1905, filho de pais colonos. Saiu do campo para estudar, adquirindo vasto conhecimento, mas nunca deixou de praticar o dialeto; pelo contrário, passou a produzir nele. Conforme Arthur B. Rambo, quando fala de seu irmão Balduino,

que os contos dele “têm um segundo objetivo não menos importante: descrever o mundo rural, seus personagens, a vida em família, a comunidade, a religiosidade, etc., no dialeto de que se utilizavam os atores do cotidiano desse universo.”

E continua afirmando que “o autor escolheu este caminho para chamar a atenção para este mundo sobre a sua própria identidade e torná-lo consciente de sua própria importância e do seu valor.”<sup>17</sup>

Os contos de Rambo foram publicados no “*Die Fahne des Heiligen Ignatius.*” Entre os anos de 1937 a 1962 foram publicados 21 contos, reunidos e traduzidos por Arthur B. Rambo, posteriormente republicados em forma de livro bilingue, em 2002.

Gross, Alfredo. **Hunsrücker Mundart in Brasilien. Dialektgedichte und Schriften in deutscher und Portugiesischer Sprache.** Porto Alegre: Própria, 2001.

Trata-se de um pequeno livro de poemas de Alfredo Gross em Hunsrückisch, no qual, além de apresentar os seus poemas, o autor traça um rápido panorama do contexto imigratório alemão no Rio Grande do Sul, dedicando especial atenção à prática da língua.

Flach, José Inácio. **Unsa gut deitsch Kolonie.** Nova Petrópolis: Sociedade União Popular Theodor Amstad, 2004.

Com Flach temos uma obra em prosa, na qual o autor relata sobre situações do cotidiano colonial onde se fala o Hunsrückisch. Flach escreve sobre temas como “*Die Plantasch*” (a roça), “*En Sterbefall*” (um falecimento) ou “*Das Milchgeschafft*” (a venda de leite). Assim como Rambo, o autor dedica seu livro aos colonos, que, segundo ele, com o seu trabalho e sua força de vontade auxiliaram no crescimento do nosso país. José Inácio Flach nasceu em Bom Princípio, município próximo à localidade de onde partiu Rambo.

<sup>17</sup> Rambo, B., SJ. *O rebento do carvalho. Contos dialetais.* Ed. Bilingue, tradução e contextualização de Arthur B. Rambo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002, p. 10.

Pode-se imaginar que Flach certamente tenha sido leitor de Rambo e deve também tê-lo usado como referência para a escrita de seus textos.

Krug, Pronila. **Crônicas da Pronila/ Pronila Chroniken**. Z Multi Editora. Ivoti: 2018.  
Krug, Pronila. **Crônicas da Pronila/ Pronila Chroniken - volume 2**. Z Multi Editora. Ivoti: 2021.

Em seus dois livros de crônicas bilíngues (Hunsrückisch e português), Pronila Krug reuniu mais de uma centena de textos originalmente publicados em periódicos locais (como o Diário da Encosta da Serra, de Ivoti, e o Jornal NH, de Novo Hamburgo), nos quais aborda os mais variados assuntos – histórias familiares, comemorações religiosas, reflexões sobre o cotidiano e outros. Em conversa pessoal com a autora, ela relatou que decidiu reunir suas crônicas em livro e traduzi-las a partir do pedido de uma interessada não-falante de Hunsrückisch, que via suas crônicas no jornal semanalmente, mas não conseguia entendê-las.

Apesar de algumas opiniões discutíveis em suas obras, Pronila Krug, uma das poucas mulheres a publicar em Hunsrückisch de que temos notícia, certamente fez uma contribuição importante para a literatura em língua minoritária, merecendo assim também um espaço nesse compilado.

76

## 2.1 A escrita do Hunsrückisch em Almanques (*Kalender*)

O *Brumbär-Kalender* (O Almanaque Resmungão) foi publicado de 1931 a 1935, editado em Arroio do Meio – RS. Trata-se de um pequeno almanaque, muito simpático pela sua apresentação, por ser pequeno e com interessantes histórias acompanhadas geralmente por belas ilustrações. O almanaque caracteriza-se pelo seu caráter humorístico, os textos nele publicados, porém, não abordam somente temas de humor.

Tratando-se de almanques que publicaram textos em Hunsrückisch, temos no *Brumbär-Kalender* uma das principais referências. Lamentável é que seu período de circulação tenha se resumido somente a seis anos. Hoje vemos a iniciativa do editor Alfons Brod como muito inovadora e de grande importância; na época, porém, certamente não deve ter sido muito aplaudido por publicar em Hunsrückisch, pois no discurso a prioridade da comunidade germânica no Brasil estava em manter viva a *língua materna* e por tal entendia-se o *Hochdeutsch* (alemão padrão). Pode-se questionar se a conclusão prematura das atividades editoriais do almanaque pode ter sido motivada por uma possível reprovação de setores da sociedade devido ao fato de os textos serem escritos em

Hunsrückisch, o que na época teoricamente pouco contribuía para o crescimento cultural das comunidades alemãs no Brasil.

A seguir uma breve citação do conto “*Familie Kampfahn off’m Kindchebesuch*”, de autoria de M. R. Schauen, do Povoado Sério, Lajeado – RS, no *Brumbär-Kalender* de 1932:

Off’m Gäseberg, de wo en halb Stonn hinnig de Klosterpikad leihd, soll Sonndags bei Knollebachs Hannes, morjens Kenndaaf un meddags Kindcheskaffe sinn. Dazu wor aach de Kampfahn Peter aus de Klosterpikad met seiner Fraa, de Gret, enngelad gebb. De Hannes hat geschribb:”<sup>18</sup>

Para além de almanaques, também são encontrados textos em Hunsrückisch em revistas como a *Sankt Paulusblatt*, outra importante divulgadora dessas produções. Fundada em 1912, está em circulação até hoje. Segundo Arthur B. Rambo, “entre os anos de 1947 e 1960 este periódico mensal significou o instrumento mais comprometido com a tentativa de retomar o teuto-brasileirismo na sua forma original.”<sup>19</sup> Nesse período, Balduino Rambo foi um dos grandes contribuidores para a revista, tendo escrito 123 cartas fictícias em Hunsrückisch para publicação. Além disso, a *Sankt Paulusblatt* oferece até hoje a oportunidade para qualquer pessoa de publicar seu texto, também em Hunsrückisch. A revista, de orientação católica, traz textos diversificados (ficcionais ou não), algumas poesias, notas informativas, avisos e relatos.

A seguir transcreveremos dois pequenos recortes em Hunsrückisch para mostrar que dentro da própria *Sankt Paulusblatt* há espaço para a diversidade de expressão do Hunsrückisch. O primeiro texto fala da bebida tradicional dos gaúchos, comentado em Hunsrückisch pela autora do texto, Therezinha Vier, da seguinte forma:

... Do sin ich an das Chimarrong mache gang. Awer Verflikt un zugenäht wo die traurich Bumb net gashtobt. Wenn man jo len iss wes ma alsmo sich net se helfe, awa die annere konnte es och net.<sup>20</sup>

Já Werner Stoffel escreve um texto sobre o próprio Hunsrückisch, como já é possível constatar no título: “*Mundart vom Vorderhunsrück. Wie dä Schnäirisch Uuba säine Änkelcha die Wäihnachtsgeschicht vazealt hot.*” A seguir um trecho desse texto:

Iwwa Muasche es ganz ruut die Sonn onnagang, langsam esset Oomend woa. Ganz henna on met ruure Käpp sen die Schnäirisch-Kenna von Ubbahause vom schlittchefahre heimkomm on hon sich bäi iarem Uuba

<sup>18</sup> Schauen, M. R. “Familie Kampfahn off’m Kindchebesuch”. In: *Brumbär-Kalender 1931-1935*. Alfons Brod (Ed.). Arroio do Meio. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1932.

<sup>19</sup> Rambo, A. B. in: Rambo, B. 2002, p. 14.

<sup>20</sup> Vier, T. “De Chimarrong” In: *Skt-Paulusblatt*, n. 69, ano 84, set. 1996, p. 8.

närrageloß, dä en da warrem Stuff em Dämmalich am gliinije Oowe gesess hot on bißje engenickt woa.<sup>21</sup>

Outra revista, também de orientação católica e que ainda hoje publica seus textos orientados a uma comunidade leitora de textos em alemão, Hunsrückisch e português, é o *Familien-Kalender*. Nessa mesma revista, Balduino Rambo publicou os seus textos hoje reunidos em livro. Desta extraímos, a título de exemplificação, um trecho de um texto atual. Interessante é a constatação que um colaborador muito assíduo de textos em Hunsrückisch para a revista é o professor Norberto A. Spohr, que reside na Paraíba. Outro colaborador muito assíduo também está bastante distante do contexto mais comum da prática do dialeto Hunsrückisch (a região sul do Brasil). Trata-se de Pedro I. Hahn, que reside no Rio de Janeiro. A seguir um pequeno exemplo do Hunsrückisch de Spohr, no texto “*Jesus unn de Peda*”:

Jesus unn de Peda wore, von jung an, gute Freinde. Peda hot sei Nickelche mit Fischrei verdient, unn Jesus hot seinem Vater in de Tischlerei geholf. Eine Samstag honn se sich wie imma, an de ‘Kerrich’ antroff.<sup>22</sup>

## 2.2 A escrita do Hunsrückisch em jornais (*Zeitungen*)

Também os jornais foram e continuam sendo usados para dar voz a pessoas que querem publicar suas produções em Hunsrückisch. Algumas já conquistaram um merecido espaço e reconhecimento pela sua produção. Maria Noemia B. Assmann, de Feliz - RS, escreve regularmente no jornal *Primeira Hora*. No artigo “*Tih Taytixe Inwanre In Siht Prasilye*”, ela escreve:

Im yahrkank 1820 wahre fihl paure in sälte sohne fon Taytxlant in krehster noht. Ihr lant wahr tsimlich aus kenutst. “Adubo químico” hats in thene tsayte noch khäns káp.<sup>23</sup>

Outro autor que publica seus textos em jornais é Wolfgang Hans Collischonn. No *Correio Rio-Grandense*, de Caxias do Sul – RS, o autor escreve na coluna “*Der Friedolin*”, representando o Centro de Apoio a Pesquisas e Encontros familiares (Capef), de Lajeado – RS. No artigo “*Die hunsricka wore imma knicksich*”, o autor diz o seguinte:

In de Zeite vom Schetulio wo ma kee Gasoline kriecht hot weil Kriech woa, do hot unsa Nochba sich mol en Rees uff die Serra voagenomm.

<sup>21</sup> Stoffel, W. “Mundart vom Vorderhunsrück. Wie dä Schnäirasch Uuba säine Änkelcha die Wäihnachtsgeschicht vazealt hot” In: *Skt-Paulusblatt*, n. 69, ano 84, set. 1996, p. 6.

<sup>22</sup> Spohr, N. A. “Jesus unn de Peda.” In: *Familien-Kalender*, 2003, p. 134.

<sup>23</sup> Assmann, M. N. B. “Tih Taytixe Inwanre In Siht Prasilye.” In: *Primeira Hora*, n. 669, ano 12, 20 de jul. de 2006, p. 12.

Ea und sei Froa wollte sich doch mol die neie Kolonie ongucke wo so viel Leit von unsa Gechend hingezoh sinn.<sup>24</sup>

Collischonn também contribui com a coluna *Deutsche Sprache*, no Jornal *O Informativo*, de Lajeado – RS. No texto “*Politik*”, Collischonn escreve o seguinte:

Mein Compater João hot in de ganze Wintamonate nix vun sich siehn ore heere geloss. Ea hat so en abscheiliche Huschte un do wollt ea liewa in sei worm Kich bleiwe un Zeitung lese. Awa am erschte Sonntach im September, wie’s wärma is gebb, do is ea doch nochmol bei mia moie komm.<sup>25</sup>

Também fora do estado do Rio Grande do Sul existe produção de textos em Hunsrückisch para jornais. Destacamos a seguir algumas linhas da coluna *Ein Hunsrücker aus Rondon*, publicada no Jornal *Evangelische Zeitung*. Os textos dessa seção não possuem título, sendo sempre a referência o nome da já conhecida coluna. A seguir um trecho dessa produção:

Wie gut un voateilhaft, wenn ma vaschiedne Zeitunge lest. Was ein net bringt, steht in de annre drin. Un wenn so’n Zeitung noch am Platz gedrukt werd wo Hunsricker wohne, is se noch interessante.<sup>26</sup>

### 3 A produção escrita em Hunsrückisch: websites, blogs, mídias sociais

79

Para além das mídias convencionais impressas, se observa atualmente uma tendência crescente na produção de conteúdo oral e escrito em variantes dialetais devido a um acesso mais amplo à Internet e a consequente divulgação mais rápida, mais fácil e menos custosa das produções. Em plataformas de publicação de conteúdo como o YouTube, blogs e outras mídias sociais são veiculadas, entre outras, produções literárias provenientes da tradição oral e, por vezes, também próprias. Alguns exemplos podem encontrados nas páginas de Pio Rambo (*Língua Alemã Hunsrickisch - Deutsche Hunsrücker*), Piter Kehoma Boll (*Riograndenser Hunsrickisch*) e Paul Beppler (no Facebook, *Riograndenser Hunsrückisch*).

O escritor Paul Beppler publica em sua página no Facebook dedicada ao Hunsrückisch vídeos, imagens e textos relacionados com a língua e cultura hunsriqueana, bem como com outras línguas de imigração presentes no Rio Grande do Sul (como o Talian) e com a realidade local como um todo. Entre os tópicos recentemente abordados na página, estão textos e vídeos de caráter informativo em relação às graves enchentes no

<sup>24</sup> Collischonn, W. H. “Die hunsricka wore imma knicksich.” In: *Correio Rio-Grandense*. Caxias do Sul. Infelizmente não dispomos dos dados bibliográficos completos desse artigo.

<sup>25</sup> Collischonn, W. H. “Politik.” In: *O Informativo*. Lajeado. s.n., s.a., 13 de set. de 2003, s.p.

<sup>26</sup> A. S. “Der Hunsrücker aus Rondon.” In: *Evangelische Zeitung*. Porto Alegre, s.n. s.a., 3 a 16 de ago. de 1986, p. 16.

Rio Grande do Sul, além de cursos de baixo-alemão, de danças folclóricas alemãs e convites para festividades (como Kerb e feiras de comidas brasileiras na Alemanha). Abaixo apresentamos um trecho da legenda em Hunsrückisch (traduzida do português) de uma publicação recente da página de Beppler, referente à escritora Nélida Piñon, primeira mulher a frente da Academia Brasileira de Letras:

Die Schriftstellrin Nélida Piñon hot Geschicht gemacht, wie se im Joahrgang 1997, ei in dem Joahr, wo das 100-jährliche Gründung von der Bräsiljoonische Literatur Akademie (ABL = Academia Brasileira de Letras) gefeiert woard, die Leitung von der Institution üwernoohm hot. Die Autorin genoss die allgemene Unnersteetzung von ihrer akademische Kollege unn markierte damit en bedeitend Moment in der Entwicklung von der ABL.

As publicações de Beppler costumam estar acompanhadas de legendas em diversas línguas (sobretudo Hunsrückisch e português, mas também frequentemente alemão, espanhol e inglês), o que torna suas publicações acerca da cultura hunsriqueana e de outros temas acessíveis também para não-falantes de Hunsrückisch, que assim mesmo tenham algum interesse pela língua e pela cultura atrelada a ela.

80

### Considerações finais

Com esse texto procuramos apresentar alguns autores e plataformas que contribuem para o estabelecimento de um cânone literário em Hunsrückisch, selecionando alguns textos que nos pareceram mais relevantes para a discussão. Certamente devem existir outras produções em Hunsrückisch país afora, que ainda dependem de incentivo para chegar a um público mais numeroso. Tivemos a intenção de mostrar o que já foi feito e, com sorte, também engajar outras pessoas a escrever e publicar textos literários em Hunsrückisch, através da apresentação de revistas e jornais que até hoje recebem e publicam essas produções.

### Bibliografia

Altenhofen, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart, Steiner, 1996. XVIII, 444 p. com 12 ilustrações e 77 mapas, além de um resumo em português. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21).

Altenhofen, C. V.; Neumann, G. R.; Habel, J. M.; Prediger, A. (Orgs.) **Hunsrückisch em prosa & verso: textos do Concurso Literário de Poemas e Contos em Hunsrückisch 2017** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2018.

Ammon, Ulrich. **Die Stellung der deutschen Sprache in der Welt**. Berlin: 2015.

Arendt, Isabel C. **Representação do colono teuto-brasileiro católico através da negação do outro nos escritos de Pe. Balduino Rambo, S.J.** Dissertação do Mestrado em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, RS., 1998.

Flach, José Inácio. **Unsa gut deitsch Kolonie**. Nova Petrópolis: Sociedade União Popular Theodor Amstad, 2004.

Gross, Alfredo. **Hunsrücker Mundart in Brasilien. Dialektgedichte und Schriften in deutscher und portugiesischer Sprache**. Porto Alegre: S.e., 2001. 88 p.

IBGE. **Estudos especiais**. O Brasil indígena: língua falada. Disponível em: <<https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada>>. Acessado em 17.06.2024.

Koetz, Lily Clara. Die Hunsricksprooch. In: **A saga dos alemães – do Hunsrick para Santa Maria do Mundo Novo**. Org. Erni G. Engelmann; Helmut Burger; Ivo Backes. Igrejinha: E. G. Engelmann, 2004, vol. 3, p. 354.

Lindenfelser, Siegwalt. „Wolle Ameise Pisye Hunsrik Xraywe?“. Zur Alltagsverschriftung des brasilianischen Hunsrückisch. In: *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, V. 91, 2024/1, p. 22–77.

Lipski, John M. Brazilian Portuguese: contemporary language contacts. In: Kabatek, Johannes; Wall, Alfred (Eds.). *Manual of Brazilian Portuguese Linguistics*. Berlin/Boston: 2022.

Neumann, Gerson Roberto. A tradição escrita do Hunsrückisch. In: **XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização: Imigrações e Relações Interétnicas**, 2008, São Leopoldo - RS. Imigrações e Relações Interétnicas - XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 1217-1229.

Rambo, Pe. Balduino. **O rebento do carvalho: contos dialetais (1937 a 1961)**. Trad. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo (RS): Ed. UNISINOS, 2002. v. 1 [340 p.], v. 2 [358 p.] (Coleção Fisionomia Gaúcha, 6.)

Roche, Jean. **La colonisation allemande et le Rio grande do Sul**. Paris: Éditions de l'HEAL, 1959.

Rottmann, Peter Joseph. **Gedichte in Hunsrücker Mundart**. 3. vermehrte Aufl. Simmern: Joh. Maurer, 1863.

### Demais referências bibliográficas

Coluna *Der Friedolin*, no jornal *Correio Rio-Grandense*, de Caxias do Sul – RS.

Coluna *Deutsche Sprache*, no jornal *O Informativo*, de Lajeado – RS.

Coluna no jornal semanal *Primeira Hora*, de Bom Princípio – RS.

Coluna *Hunsrücker aus Rondon*, no jornal *Evangelische Zeitung*, editado em Porto Alegre (?).

Textos em Hunsrückisch no *Brummbär-Kalender*, editado entre 1931 e 1935, em Arroio do Meio - RS, por Alfons Brod, e que se constituía prioritariamente de textos – poemas e contos – de cunho humorístico.

Textos no *Familien-Kalender*, almanaque anual editado em Porto Alegre – RS.

Textos em Hunsrückisch no *Sankt Paulusblatt*, periódico mensal editado pela Sociedade União Popular Theodor Amstad, em Nova Petrópolis – RS.